

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
FACULDADE DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA**

MARIA ANTÔNIA DE SOUZA MONTEIRO

**A EXPERIÊNCIA EM CLÍNICA PSICANALÍTICA E SUAS IMPLICAÇÕES:
UM ESTUDO DE CASO**

MANAUS

2023

MARIA ANTÔNIA DE SOUZA MONTEIRO

**A EXPERIÊNCIA EM CLÍNICA PSICANALÍTICA E SUAS IMPLICAÇÕES:
UM ESTUDO DE CASO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de **Psicologia** da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como requisito para obtenção do título de **Psicóloga**.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Sócrates Baçal de Oliveira

MANAUS

2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

M775e Monteiro, Maria Antônia de Souza
A experiência em clínica psicanalítica e suas implicações : um estudo de caso / Maria Antônia de Souza Monteiro . 2023
32 f.: 31 cm.

Orientador: Sérgio Sócrates Baçal de Oliveira
TCC de Graduação (Psicologia - Bacharelado) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Psicanálise. 2. Psicoterapia remota. 3. Estudo de caso. 4. Maternidade. I. Oliveira, Sérgio Sócrates Baçal de. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

MARIA ANTÔNIA DE SOUZA MONTEIRO

**A EXPERIÊNCIA EM CLÍNICA PSICANALÍTICA E SUAS IMPLICAÇÕES:
UM ESTUDO DE CASO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Psicologia da Universidade Federal do
Amazonas (UFAM), como requisito parcial para
obtenção do grau de Psicóloga

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 22/06/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sérgio Sócrates Baçal de Oliveira - UFAM
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Lidia Rochedo Ferraz - UFAM
Avaliadora

Me. Jolorena de Paula Tavares - UFAM
Avaliadora

Dedico este trabalho à minha mãe, cujos
olhos nunca perderam o brilho ao me
acompanhar nessa trajetória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, especialmente à minha mãe, Maria Hosana de Souza Monteiro, que sempre esteve junto a mim, vibrando com minhas conquistas e me acolhendo nos momentos difíceis.

Agradeço, também, ao professor Sérgio Sócrates Baçal de Oliveira, por ter me recebido no Laboratório de Psicopatologia, Sujeito e Singularidade (Lapsus), lugar em que finalmente pude sentir pertencimento dentro da Faculdade de Psicologia. E também por todos os ensinamentos, oportunidades, supervisões e orientação neste trabalho.

RESUMO

É apresentada a experiência de atendimento psicológico remoto como prática possível de ser realizada no Centro de Serviços de Psicologia Aplicada, dentro da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Junto a isso, traz-se um estudo de caso pautado na teoria psicanalítica, desenvolvido a partir dos atendimentos clínicos realizados nessa modalidade em Estágio Supervisionado II e III, do conhecimento adquirido na leitura e discussão acerca de manejo clínico psicanalítico, além de aspectos que surgiram e se transformaram ao longo do percurso terapêutico, como maternidade e relação conjugal.

Palavras-chave: Psicanálise; psicoterapia remota; estudo de caso; maternidade.

ABSTRACT

The experience of online psychological care is presented as a possible practice to be carried out at the Center for Applied Psychology Services - CSPA, in the Faculty of Psychology of the Federal University of Amazonas. Along with this, it brings a case study based on psychoanalytic theory, developed from the clinical consultations carried out in this modality in supervised internship II and III, from the knowledge acquired in the reading and discussion about psychoanalytic clinical management, in addition to aspects that emerged and changed over the course of therapy.

Keywords: psychoanalysis; online psychological care; case study; maternity.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
COVID-19	<i>Coronavirus Disease of 2019</i>
CSPA	Centro de Serviço de Psicologia Aplicada
DNA	Ácido Desoxirribonucleico
FaPsi	Faculdade de Psicologia
Lapsus	Laboratório de Psicopatologia, Sujeito e Singularidade
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFAM	Universidade Federal do Amazonas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	PERCURSO METODOLÓGICO.....	12
3	O CASO CLÍNICO	15
3.1	APRESENTAÇÃO DO CASO	15
3.2	SÍNTESE.....	15
3.3	HISTÓRIA DE VIDA.....	15
3.4	HISTÓRIA CLÍNICA.....	16
3.5	MANEJO.....	19
3.6	DISCUSSÃO.....	20
3.6.1	A maternidade: de filha a mãe	20
3.6.2	O desejo frente à violência.....	22
4	O ATENDIMENTO REMOTO: LIMITES E POSSIBILIDADES	24
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
	REFERÊNCIAS.....	29
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E	
	ESCLARECIDO	31

1 INTRODUÇÃO

Trago um estudo de caso clínico, elaborado a partir da minha experiência com a prática psicoterapêutica no Centro de Serviço de Psicologia Aplicada (CSPA) da Faculdade de Psicologia (FaPsi), na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), desenvolvida em Estágio Supervisionado II e III. A partir dos estudos em psicanálise, encontros de supervisão e da minha análise pessoal, assumo o desejo dessa escrita, em compromisso com a pesquisa psicanalítica.

A proposta é modesta: poder compartilhar a experiência clínica, tão transformadora em minha formação não só como estudante de Psicologia, mas também nesse começo do meu trilhar em Psicanálise. Suas particularidades foram desafiadoras, com o atendimento clínico realizado de forma remota contínua dando seus primeiros passos dentro da FaPsi. Logo, é de certa importância poder relatar, em primeira mão, algumas sutilezas desse trabalho tão recente na nossa história enquanto prestadores de um serviço psicológico digno à sociedade, comprometido com a transformação social e, sobretudo, de grande potencial transformador na vida das pessoas, como será descrito no estudo de caso apresentado mais adiante.

O nome e a cidade de origem do paciente serão resguardados e retratados aqui de forma fictícia. Tudo que podemos adiantar, nesse primeiro momento, é que o sujeito desse estudo não reside em Manaus. A história de uma jovem que pôde descobrir novas formas de se relacionar com sua maternidade, que não pela violência, até então reproduzida transgeracionalmente por sua própria mãe, interrompendo uma relação amorosa permeada de violência, mas que, ao mesmo tempo, ainda mobiliza tanta atração. Certamente, um caso que evidencia as ambivalências do sujeito diante de seu próprio desejo, onde, no andamento do processo psicoterapêutico, decide por bancá-lo ou renunciá-lo em prol da própria vida e no desenvolvimento da maternidade enquanto mãe solo.

Posso dizer que a psicanálise traz um novo olhar sobre o sujeito, mais respeitoso diante da singularidade, do sofrimento e da história de cada um a partir de um fazer clínico não estigmatizante e, portanto, não “patologizante”. É de muita relevância poder apresentar à comunidade acadêmica, especialmente aos estudantes de Psicologia, a potência desse campo clínico como uma alternativa de atuação.

Esse estudo é uma aposta no sujeito do inconsciente e na teoria psicanalítica, em todo o seu potencial de transformação e criação de novos modos de existência que, em contraponto aos imperativos da vida, possam inaugurar diferentes formas de se relacionar com a própria história e, a partir de então, poder vislumbrar novas possibilidades de futuro.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Esse estudo de caso foi desenvolvido a partir da história de vida e percurso clínico de uma paciente atendida por mim desde junho de 2022 até fevereiro de 2023, totalizando, aproximadamente, 25 sessões, devidamente transcritas e discutidas em encontros semanais de supervisão, sendo esse o material principal para o estudo. Não foi realizado nenhum tipo de coleta de dados posterior à adesão da pessoa do caso na pesquisa em questão; ou seja, não utilizamos questionários, formulários e/ou entrevistas. Os dados analisados são unicamente os registros de sessão e anotações pessoais desenvolvidas com o passar do processo-percurso terapêutico.

Aqui, vale explicar esse termo “processo-percurso”, referente ao enlace entre pesquisa e psicanálise, onde, de acordo com Oliveira (2022), o processo diz respeito aos aspectos relacionados ao andamento da pesquisa em si, seus métodos e técnicas. Já o percurso diz respeito a toda implicação subjetiva e singular do pesquisador no decorrer do processo de pesquisa. Ou seja, é inerente à natureza de uma pesquisa psicanalítica o afetamento subjetivo do pesquisador(a) que a propõe.

Tivemos, como objetivo geral, o desenvolvimento de um estudo de caso clínico atendido no CSPA da FaPsi - UFAM, via estágio supervisionado, seguido dos seguintes objetivos específicos: Articular os fundamentos da teoria psicanalítica com o manejo do caso clínico atendido; Desenvolver, à luz da experiência vivenciada e com fundamentação teórica, situações que atravessaram a singularidade do caso, tais como violência, maternidade, filiação e relação conjugal; Discutir teoricamente a experiência vivenciada e aspectos relacionados ao atendimento psicológico na modalidade *online*; Indicar a pesquisa psicanalítica como um modo de fazer ciência possível aos estudantes do curso de Psicologia.

Essa escuta foi realizada de forma remota dentro do CSPA, durante a realização de Estágio Supervisionado II e III. Aqui, é necessário tecer algumas observações acerca da experiência com atendimento *online*: sem dúvidas, há perdas nesse encontro, como a ausência do corpo, a voz metalizada e sujeita a interrupções devido à conexão, dentre outras particularidades a serem mais exploradas no tópico quatro deste texto. Por outro lado, essas particularidades não tornam essa prática inviável e, nesse caso, a mudança do *setting* presencial para o virtual foi uma

alternativa essencial para possibilitar o percurso de análise, visto que a pessoa atendida nem sequer reside na cidade de Manaus.

Nesse formato, é possível alcançar pessoas de diferentes lugares e realidades, onde, mesmo remotamente, é possível estabelecer uma escuta, que se dá pelo trabalho do significante através da linguagem (LACAN, 1999). Essa linguagem admite diversos códigos, meios e canais, inclusive esse que nos foi inicialmente imposto pela condição pandêmica e que, hoje, pode ser transformado como uma alternativa possível para novos encontros, além das barreiras físicas.

Acerca da construção de um caso clínico, Fédida (1991) ressalta que é um método de pesquisa psicanalítica utilizado na situação de tratamento, constituído a partir do registro das lembranças e fragmentos trazidos pela pessoa atendida. Em seguida, realiza-se um exercício metapsicológico enquanto ficção de conceitos, que se inicia no momento da escuta do paciente e tem andamento na elaboração a ser desenvolvida em momento distinto do processo analítico. Por fim, o analista pode refletir sobre seu fazer e produzir uma profunda percepção sobre sua prática clínica. Esse modo de conduzir a técnica psicanalítica, muito utilizada por Freud, era de suma importância, para que, constantemente, houvesse uma reconstrução e reorganização dos conceitos teóricos que vinha produzindo.

Vale ressaltar também que, em termos metodológicos, o estudo de caso como pesquisa psicanalítica não tem como objetivo um fechamento, muito menos propor verdades absolutas; ao contrário, é construído para que seja lido e discutido no meio acadêmico, possibilitando a abertura de novas janelas do saber humano (e sobre o humano) interessado em debater os aspectos pesquisados. Como aponta Nasio (2001):

(...) definimos o caso como o relato de uma experiência singular, escrito por um terapeuta para atestar seu encontro com um paciente e respaldar um avanço teórico. Quer se trate do relato de uma sessão, do desenrolar de uma análise ou da exposição da vida dos sintomas de um analisando, um caso é sempre um texto escrito para ser lido e discutido. Um texto que, através de seu estilo narrativo, põe em cena uma situação clínica que ilustra uma elaboração teórica. É por essa razão que podemos considerar o caso como passagem de uma demonstração inteligível a uma mostra sensível, a imersão de uma ideia no fluxo móvel de um fragmento de vida, e poderemos, finalmente, concebê-lo como a pintura viva de um pensamento abstrato (NASIO, 2001, p. 11,12).

Essa passagem me faz pensar sobre como se dá a construção de um saber para a Psicanálise, sempre a partir de um encontro com o outro e a rede de significantes que os envolvem.

O sujeito do suposto saber é uma condição para que haja análise, um efeito da estrutura do diálogo analítico. Entretanto, o analista não deve se deixar seduzir por essa posição, sem permitir que seu Eu intervenha. Pelo contrário, o analista deve estar disposto a ser destituído da condição do suposto saber que lhe é atribuída, permitindo que, no lugar desse saber, se instaure um vazio e, então, como enuncia a máxima freudiana “*Wo Es war, soll Ich werden*” (FREUD, [1933]/2010) que, a partir de Lacan, significa: “tenho que chegar ao lugar da minha verdade.”

Para a elaboração desse estudo de caso, foi necessária a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFAM, no parecer nº 6.090.694, de 30 de maio de 2023, constando na Plataforma Brasil, sob nº CAAE 68854923.0.0000.5020.

A partir de então, foi utilizado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), disponível como anexo (e pelo *link* <https://forms.gle/B4wJVyap5YnKYm5s5>), enviado através da plataforma *Google Forms*; a aceitação se deu eletronicamente, ao selecionar o campo “Concordar” e preenchendo o nome e *e-mail*.

3 O CASO CLÍNICO

3.1 APRESENTAÇÃO DO CASO

O caso clínico apresentado aqui se dá através de um recorte dos atendimentos realizados entre junho de 2022 e fevereiro de 2023. O processo analítico ainda está em andamento, portanto, não há uma conclusão final acerca desse trabalho. Apresento aqui o que, até então, eu e Beatriz (nome fictício) viemos nos debruçando acerca de sua história, desde que iniciamos essa caminhada. A partir dos atendimentos remotos e gratuitos oferecidos pelo curso de Psicologia da UFAM, pudemos nos alcançar.

3.2 SÍNTESE

No primeiro atendimento, no dia 09 de junho de 2022, Beatriz começa a falar justamente sobre sua vivência com a maternidade, uma das primeiras queixas trazidas: “Gostaria de ser uma mãe melhor”. Com o passar das sessões, Beatriz foi trazendo cada vez mais sobre suas histórias, principalmente acerca de seu relacionamento com Silvio (nome fictício), seu ex-companheiro e pai de sua filha, e acerca da relação com sua mãe, ambas permeadas por muitas violências. No começo, todas essas narrativas vinham carregadas de um sofrimento muito agudo que, a cada encontro, foram tomando novo tom, à medida em que Beatriz foi, aos poucos, conquistando uma postura mais ativa diante do próprio sofrimento, com o bancar do seu próprio desejo.

3.3 HISTÓRIA DE VIDA

Beatriz, hoje com 26 anos, narra ter nascido em uma família muito conturbada. Passou o início da sua infância com a mãe e o pai, sofrendo e presenciando cenas de violência física e verbal entre eles. Logo depois, durante parte de sua infância até a adolescência, viveu com sua mãe e o padrasto.

Relata ter tido uma criação bem liberal, em que sua mãe não se importava com o que fazia, dando pouca atenção e carinho. Beatriz era agredida física e verbalmente pela mãe desde a infância; conta já ter sido espancada e expulsa de casa diversas vezes. Chegou a morar de favor na casa de diversos parentes, mas nenhum deles a acolhia por muito tempo. Em uma noite, após ter sido expulsa de casa por uma tia, precisou dormir na estação de trem com sua filha, pois não tinha para onde ir.

Beatriz, mesmo com as dificuldades financeiras e familiares, possui curso superior na área de Secretariado e hoje cursa Letras – Português em uma universidade federal do estado onde reside. Relata sempre ter sido muito responsável e aplicada em seus estudos e trabalhos. Hoje em dia, mora com sua filha e sustenta sua casa sozinha, com os auxílios que recebe da faculdade e o salário que recebe como estagiária em uma empresa privada.

Por volta dos 22 anos, conhece o pai de sua filha, com quem a relação foi muito boa no começo, um excelente companheiro até então. Pouco tempo depois, sem planejar, engravidou de sua filha Pietra (nome fictício), momento em que a relação com seu companheiro começou a mudar drasticamente.

Beatriz relata não ter tido o apoio de seu companheiro durante a gestação, que se tornou muito agressivo verbal e fisicamente. De acordo com ela, foi necessária a realização de um teste de DNA para que Silvio assumisse a paternidade, situação em que narra ter sido de muita humilhação para ela.

Desde então, viveu uma relação de idas e vindas com o pai de sua filha, sempre permeada de violência, chegando até a acionar uma Medida Protetiva contra ele. Com relação à sua vivência com a própria maternidade, relata que nunca a aceitou bem, mas que hoje tem procurado exercer essa função da forma que lhe é possível

3.4 HISTÓRIA CLÍNICA

Recordo-me perfeitamente do primeiro encontro com Beatriz, no dia 09 de junho de 2022, através da tela de um computador. Desde a primeira sessão, narra com muita clareza sua história, deixando-me impactada e profundamente interessada, não só com os conteúdos que me trazia, mas principalmente com a postura que se colocava diante de mim e, conseqüentemente, diante de seu próprio sofrimento.

Parecia já estar habituada com o espaço de escuta, falava sem muitas pausas e, quando a interrogo sobre o motivo que a trouxe até “aqui”, prontamente responde: “Gostaria de ser uma mãe melhor, quero aceitar minha maternidade e superar o relacionamento abusivo que vivo com o pai de minha filha.”

Ainda em nossa primeira sessão, se detém a contar principalmente sobre sua relação com a filha, que leva o nome de uma joia preciosa. Relata que ter se tornado mãe foi uma das piores coisas que aconteceu em sua vida. Ter que cuidar e se preocupar com outra vida que não fosse a sua, no momento de tanta vulnerabilidade psicológica e financeira, tem sido um “fardo” em sua vida. Conta que agride fisicamente sua filha quando perde a paciência de lidar com ela, que se sente muito culpada por isso e deseja mudar, pois não gostaria de continuar a reproduzir com sua filha o que passava com sua mãe.

Já com relação à sua mãe, no começo de nosso percurso terapêutico, Beatriz ainda tinha mais contato com ela; todos os encontros eram repletos de muita agressão verbal por parte de sua mãe, principalmente pelo fato de que Beatriz deve uma alta quantia de dívida realizada em seu cartão de crédito, que vem sendo paga gradativamente. Mesmo com o cumprimento das parcelas, frequentemente, sua mãe a visitava ou mandava mensagens de forma agressiva para cobrar e humilhar Beatriz. Até que, na terceira sessão, relata que sua mãe se mudou da cidade em que mora, retornando para sua cidade natal, momento em que expressa que, apesar da relação difícil, sentirá falta dela, principalmente pelo fato de ser uma avó presente e carinhosa com sua filha. Com a mudança, o contato diminuiu, mas as mensagens agressivas continuavam; em nenhum desses momentos, Beatriz relata ter revidado de alguma forma as ofensas.

O relacionamento de Beatriz com Silvio seguia uma dinâmica semelhante da relação com sua mãe, em relação aos eventos recorrentes de violência. A diferença era que, em alternância com os eventos de agressão, havia momentos de muito cuidado por parte de Silvio para com Beatriz, que sempre os narrava de forma saudosa. Relatava momentos em que Silvio penteava seus cabelos, cozinhava para ela quando estava doente, cuidava da Pietra, a levava para comer fora e ir ao cinema. Em contrapartida, havia também relatos de quando a agrediu enquanto estava grávida, de quando borrifou perfume em sua boca, enquanto ela falava durante uma discussão, dentre outras várias situações em que a desmoraliza enquanto mulher e

mãe. Uma relação marcada por muita ambivalência, e aqui destaco uma fala de Beatriz, que expressa bem essa relação: “50% de mim quer ter o Silvio perto e esse lado grita mais alto, os outros 50% quer se livrar desse relacionamento”.

Com o passar das sessões, a posição que Beatriz toma diante dessas relações foi mudando aos poucos. Com relação à sua filha, deixa de narrar eventos de agressão física contra a criança e traz mais frequentemente relatos de proximidade com Pietra. Em algumas sessões, repete que tem “trabalhado suas questões com a maternidade”, para que possa desenvolver uma relação de “amizade” com sua filha. Em nossa 19ª sessão, trouxe um fato muito interessante que ocorreu no final do ano de 2022: em uma reunião de pais da escola da filha, recebe uma devolutiva muito positiva da professora, dizendo que Pietra frequentemente fala carinhosamente acerca de sua mãe, o que a deixou muito emocionada. Além disso, relata não medir esforços para garantir o bem-estar de sua filha, dentro do que for possível para sua realidade. Apesar das sutis mudanças positivas nessa relação, anunciadas pouco a pouco no decorrer de cada sessão, Beatriz ainda narra com sofrimento o quanto essa função é, por vezes, difícil e exaustiva, rompendo com uma concepção romântica do que seria a maternidade.

Junto a esse movimento, chega a romper o pouco de contato que restava com sua mãe, desde que se mudou de cidade. Isso se dá depois que, em uma mensagem de áudio enviada para Beatriz, sua mãe fala: “Você e sua filha deveriam tomar veneno e morrer”. Conta que, depois desse acontecimento, tomou a decisão de não “dar mais ouvidos” à sua mãe pois, como fala: “Eu preciso estar bem para continuar minha vida trabalhando e estudando pelo meu futuro. As palavras da minha mãe acabam com meu dia e eu não posso mais permitir isso”. Desde essa tomada de decisão, Beatriz relata continuar pagando suas dívidas com a mãe, mas só quando fosse possível, sem que precisasse se sacrificar financeiramente, e que passou a ignorar suas mensagens, que conseqüentemente foram deixando de ser enviadas, passando consideráveis meses sem se falar.

Sobre sua relação com Silvio, os encontros foram ficando menos frequentes, até que cessaram de vez quando ele assumiu um novo relacionamento, em novembro de 2022. Esse fato foi determinante para um afastamento de Beatriz, que já vinha relatando diversos desentendimentos com ele, principalmente por conta da pensão da filha, que sempre foi negligente. Em um determinado momento, relata estar cansada

de “pedir pelo mínimo” e começa a não contar mais com sua contribuição financeira. Beatriz relatava depender financeiramente de Silvio até que, em julho de 2022, foi contratada como estagiária em uma empresa privada, fato que foi determinante em sua vida. A saudade e a forte atração por Silvio ainda revisitam Beatriz, que ainda vem elaborando o luto pela perda de uma relação marcante em sua história.

Além disso, com o passar das sessões, foram surgindo novas queixas, para além das narradas até aqui. Percebi que, aos poucos, as histórias de violências e agressões relacionadas a esses personagens marcantes na história de Beatriz foram dando espaço para outras narrativas, em outros lugares que agora explorava: trabalho, amizades e até relações casuais com outros homens.

Como forma de finalizar esse tópico, gostaria de ressaltar que, certamente, o trabalho clínico realizado e descrito aqui nunca teve como ambição compreender a história de Beatriz em sua totalidade e, a partir disso, operar grandiosas transformações em sua vida, mas proporcionar o espaço de uma escuta, que pudesse sustentar sua angústia e, quem sabe, tornar o peso da existência um pouco mais ameno.

3.5 MANEJO

Desde que comecei os atendimentos clínicos sob supervisão do Prof. Sérgio Sócrates, a orientação inicial era assertiva: “Escute com atenção, suspenda o juízo de valor e evite compreender”. Esse é o tripé que sustenta o manejo desse caso.

“Escutar às vezes dá certo, às vezes, não dá muito certo e às vezes dá errado. Escutar é uma arte que envolve risco” (DUNKER; THEBAS, 2019, p. 26). É com esse trecho do livro “O palhaço e o psicanalista” que gostaria de falar acerca da principal ferramenta utilizada neste caso: A escuta. Esse exercício, que parece tão simples, mas que guarda em si uma complexidade valiosa para qualquer percurso analítico.

Muitas vezes, sustentar uma escuta não é fácil. Primeiro de tudo, é extremamente necessário que nós, enquanto analistas, abdicuemos de todo poder que já nos tenha sido autorizado. Lacan (1998a) deixa isso bem claro em seu texto “Variantes do tratamento padrão”, nos falando que o nosso lugar é no mesmo lado em que o sujeito está. Ou seja, não há o lado do analista *versus* o lado do analisando,

como se o analista fosse detentor de um saber prévio e indiscutível acerca daquele sujeito. Pelo contrário, apenas o próprio sujeito pode encontrar a sua verdade em meio à sua história e, à função do analista, resta o não saber, que a todo momento convida o sujeito a “reconhecer como seu inconsciente é sua história” (LACAN, 1998b, p. 263).

Por isso, é de grande importância a suspensão do juízo de valor do analista em seu fazer, respeitando a expressão da singularidade de cada pessoa que se apresenta; essa é uma atitude ética e política (DUNKER; THEBAS, 2019) imprescindível para o andamento de uma análise. Nesse caso em específico, por tratarmos de assuntos muito delicados e, por vezes, muito moralizados pelo senso comum, tive de redobrar os cuidados, ao escolher cuidadosamente cada palavra falada para Beatriz, na tentativa de anular qualquer resquício de julgamento que pudesse, mesmo que acidentalmente, surgir em meu discurso.

Há dois perigos em tudo que tange à compreensão de nosso campo clínico. O primeiro, é não ser suficientemente curioso (...) O segundo é compreender. Compreendemos sempre demais, especialmente na análise. (LACAN, 2010, p. 135)

A partir de então, esse foi o ritmo com o qual eram conduzidas as sessões de Beatriz. Muita escuta e pontuais intervenções, em sua maioria em formato de perguntas, sempre em busca de ampliar as narrativas, abrindo novos caminhos de vazão à angústia através da fala.

3.6 DISCUSSÃO

3.6.1 A maternidade: de filha a mãe

Gostaria de trazer aqui uma discussão teórica acerca daquilo que, desde o início dos atendimentos com Beatriz, é uma das temáticas mais recorrentes em nossas sessões: sua relação com a maternidade.

Elisabeth Badinter (1985), em seu emblemático livro “O mito do amor materno”, vai contra a crença popular de que esse amor, que pode existir ou não, ser forte ou frágil e aparecer ou desaparecer, não está inscrito na “natureza” da mulher, negando a concepção de “instinto materno”. Além disso, a autora segue dizendo que

o amor possível de uma mãe por seu filho é apenas mais uma forma de sentimento humano, sujeito à cultura, às ambições e frustrações. As mulheres que tentam reger seu maternar a partir desse ideal de maternidade estão fadadas à eterna frustração e culpa.

Catherine Serrurier (1993) também trata de alguns mitos que permeiam a imagem da mãe: “a mãe perfeitamente boa” e a “mãe virgem”, que tratam justamente desse ideal de mãe como um ser totêmico, que não erra e que, inclusive, não pode ser má.

As mães de hoje são ainda muito mais vítimas dos mitos do que a evolução tão rápida dos costumes permitiria suportar. Os modelos ideais permanecem: o da mãe perfeita e o da mãe virgem, aos quais as mulheres estão incessantemente atadas, como a um rochedo cujo pico seria inacessível e no qual só conseguem se esfolar (SERRURIER, 1993, p. 68).

Trago essa discussão e traço um paralelo com algumas falas de Beatriz referentes à ambivalência entre querer ser uma “boa mãe” enquanto, ao mesmo tempo, não suporta ter abdicado e continuar abdicando de diversos elementos da vida comum de qualquer ser humano, pelo simples fato de ser mãe e, por isso, ter que ceder sempre à sua cria.

Diante disso, o que é duro de se assumir é que “toda mulher pode sentir que seu desejo pelo filho é tão forte quanto sua rejeição” (SERRURIER, 1993, p. 100). Portanto, a ambivalência, esse conflito entre os desejos de uma mulher e os desejos de uma mãe, quando inconciliáveis e inegociáveis, podem causar tamanho sofrimento, por vezes reprimido em uma tentativa de proteção.

Acontece que todos esses “sentimentos negativos” e não ditos, ao serem reprimidos, não desaparecem e podem, inclusive, retornar de diversas formas diferentes, como no caso de Beatriz, de forma agressiva. Portanto, quando damos início ao processo de análise, onde ela pôde finalmente assumir e simbolizar para si mesma aquilo de mais “perverso” acerca de sua maternidade, essa repetição (agressão à filha) pôde se dissipar.

Françoise Dolto (1985) diz que nossos filhos são portadores de nossas dívidas. Considerando o histórico familiar de Beatriz, podemos afirmar a similaridade dela com sua mãe em sua postura agressiva, passada transgeracionalmente. Entretanto,

nossas heranças não são condenações e Beatriz pôde transformá-la, rompendo com esse ciclo de violência.

Quando uma filha pode ir além da mãe, muitas gerações podem ser libertadas e outras tantas histórias podem ser escritas.

3.6.2 O desejo frente à violência

Outra particularidade do caso que gostaria de discutir é sua relação com Silvio. A atração de Beatriz por ele permanece viva, mesmo diante das inúmeras situações de violência vivenciadas dentro do relacionamento, que se findou há um ano.

Ana Suy Kuss (2015) começa seu texto “Amor, desejo e psicanálise” nos explicando que amor e desejo são coisas diferentes, sobretudo, diferentes respostas para a falta. Gostaria de trazer essa passagem um tanto quanto “óbvia”, para começarmos a construir o raciocínio.

Todas as vezes em que se refere a Silvio e à falta que sente dele, traz duas principais narrativas. Primeiramente, detalha o físico de Silvio e o quanto ela se sente atraída por sua beleza. Com menos frequência, relata sentir falta de quando ele tinha atos de serviço e cuidado, como cozinhar para ela, pentear seus cabelos, cuidar dela enquanto estava doente.

Quando pergunto o que ela perdeu com o fim do relacionamento, responde: “Perdi um homem lindo. E o ideal de família que eu tinha.” Lembro de sempre me chamar atenção pelo fato de Beatriz nunca se referir ao “ser” de Silvio.

Alain Badiou e Nicolas Truong (2009) retomam o pensamento de Lacan quando diz que, no amor, o sujeito busca abordar o “ser do outro”, é quando o sujeito vai além do narcisismo.

A partir da estruturação desse raciocínio, penso em como Silvio tem ocupado uma função de objeto de fetiche e composto uma fantasia narcísica de Beatriz, que talvez não o ame como sujeito, mas ama ser amada por ele (FREUD, [1933]/1996, p. 119).

É provável até que as próprias tensões mais agressivas entre eles, na época em que estavam juntos, compunham, de forma inconsciente, esse cenário de fetiche.

Lembro de uma sessão em que pergunto o que exatamente a atraía em Silvio. Ela não soube me responder na sessão, mas, na seguinte, narra ter visto uma série em que havia o estereótipo de homem “bandidão”, forte e “marrento”, quando disse ter se dado conta de que esse era o perfil de Silvio (que inclusive tem envolvimento com “coisas erradas”, de acordo com ela), que a deixa tão atraída.

4 O ATENDIMENTO REMOTO: LIMITES E POSSIBILIDADES

Agora que já tratamos aqui sobre o caso em si e suas principais particularidades, gostaria de me debruçar sobre outro tema proposto neste trabalho: a modalidade de atendimento psicológico remoto.

Frente à crise sanitária provocada pela COVID-19 e, por conseguinte, o estabelecimento do isolamento social, cria-se uma nova forma de encontro: o *online*. De repente, o trabalho, os estudos, as confraternizações, e até mesmo funerais passaram a ser vivenciados bidimensionalmente através de uma tela, pelos grandes poderes da internet. Com a psicoterapia não foi diferente, a mudança do *setting* presencial para o virtual foi uma alternativa essencial para flexibilizar essa forma de atendimento, evitando a descontinuação de um processo psicoterapêutico, ou até mesmo iniciando novos atendimentos já nessa modalidade.

Os atendimentos ocorridos para elaboração deste estudo se deram nesse contexto, onde os corpos de quem fala e de quem escuta não ocupam o mesmo território físico. Fomos reduzidos corporalmente a rostos e ombros em um retângulo de imagem, mostrando apenas algumas partes e ecoando apenas alguns sons com ruídos de microfone (HOMEM, 2020). Nesse modo, não há a totalidade de um corpo, muito menos os afetamentos corporais de um encontro com o outro, o aperto (ou não) de mão ao entrar, o ato de se acomodar no sofá ou divã, tirar o casaco ou agarrar uma almofada, a impossibilidade de oferecer um copo de água, ou até mesmo um lenço de papel.

Em contrapartida, mesmo diante de tais circunstâncias, o que se caracteriza como encontro, se não o deparar-se com o outro e com tudo de estranhamento que ele causa? É imprescindível a presença mútua de dois corpos no mesmo espaço para que ocorra um encontro e até mesmo o estabelecimento de uma relação transferencial?

Posso constatar, neste estudo de caso, que foi possível sim o processo de análise, com a manutenção de aspectos fundamentais para seu andamento: a associação livre de ideias e o estabelecimento de um vínculo terapêutico.

Nessa modalidade de atendimento, certamente há muitas vantagens envolvidas como, por exemplo, o alcance às pessoas que possuem limitações no

deslocamento até a universidade. É considerável o número de pessoas que desistem de atendimento dentro do CSPA, por conta da impossibilidade de transporte, por questões financeiras, físicas ou logísticas que envolvem esse deslocamento. Com a possibilidade do atendimento *online*, desde que haja um dispositivo eletrônico com câmera, áudio e internet, além de um espaço privativo, seguro e sem interrupções, se faz possível o *setting* terapêutico.

Essa modalidade amplia as possibilidades de cuidado para com o sujeito que nos procura, por ser uma forma de encontro que não está sujeita aos possíveis imprevistos do cotidiano, principalmente relacionados ao deslocamento até o local de atendimento, como as chuvas fortes características de nossa região, as falhas na rede de transporte público e demais possíveis contratempos.

O uso das tecnologias na prestação de serviços pode auxiliar profissionais e seus respectivos públicos no propósito de promover saúde mental por meios tecnológicos mais acessíveis à população em diferentes territórios. Portanto, é necessário refletir sobre uma prática menos reducionista ao lugar e acompanhar os processos humanos em sua diversidade de espaços (PIMENTEL, 2018).

Entretanto, não sejamos ingênuos em pensar que há apenas ganhos referentes ao atendimento remoto. Vale ressaltar, também, que existem perdas que, em suas sutilezas, têm tamanha importância no trabalho psicanalítico. Tomo como exemplo a própria disposição de uma tela de atendimento onde os olhares de fato não se cruzam, em que podemos, inclusive, visualizar nossa própria imagem espelhada. Heloisa Caldas (2020) traz um breve relato acerca de sua experiência com o atendimento remoto:

Nos dispositivos digitais em geral, as pessoas implicadas na conversa veem o(s) outro(s) mas a si também. Tem sido uma experiência de encontro com o infamiliar mais intensa do que a narrada por Freud, surpreendido ao olhar uma superfície que espelhava sua imagem. Nos dispositivos a experiência é um pouco diferente, a surpresa não é encontrar a imagem, já sabemos que ela estará lá. Mas é bem diferente de se olhar diante do espelho do banheiro quando a questão do ideal, ser visto pelo Outro como amável – I(A) –, é colocada num plano imaterial. Nos dispositivos, a questão se localiza na materialidade do olhar do interlocutor, plano imaginário – i(a) – mais propício ao eu e seu duplo (CALDAS, 2020, [p.1]).

Portanto, diante dessa impossibilidade de trabalhar a esquisitice do olhar, da ausência do corpo em sua totalidade e tudo que ele também comunica através de

gestos e trejeitos, nos resta materializar o corpo através do principal material de trabalho de um analista: o discurso que se dá a partir dos atos de linguagem, essa força indutora e transformadora do sujeito (DUNKER, 2019).

A partir de então, podemos nos debruçar acerca das normativas que circundam essa nova prática enquanto psicólogos e ressaltar a importância de proporcionar, no decorrer da formação profissional, esse modo de fazer clínica tão contemporâneo.

A prática de atendimento psicológico *online* tem sido possível desde a Resolução do Conselho Federal de Psicologia (CFP) nº 11/2018, de 11 de maio de 2018, que regulamenta a prestação de serviços psicológicos realizados por meio de tecnologias da informação e da comunicação (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2018). Já em março de 2020, diante da declaração de pandemia de COVID-19, o CFP lança a resolução nº4/2020, no dia 26 de março de 2020, que flexibiliza e amplia as possibilidades de atendimento remoto *online* para psicólogos. Até o momento, é autorizada a realização de atendimento *online* mesmo em situações de urgência e emergência, assim como nos desastres, situações de violência e violação de direitos, desde que o(a) profissional tenha submetido seu cadastro na plataforma “e-Psi”.

Mas então, e quando se trata do nosso contexto acadêmico? Dentro da Universidade, na FaPsi, onde até então toda prática e ensino era unicamente na modalidade presencial? Durante a pandemia e o isolamento, deparamo-nos com uma urgência cada vez maior da população por saúde mental, por uma escuta de qualidade, comprometida com o sujeito em sofrimento e, sobretudo, uma escuta possível diante do cenário de medo e insegurança que a pandemia da COVID-19 instaurou.

Na época, algumas orientações foram repassadas pelo Ministério da Educação, em relação à prática de estágios na modalidade remota. A portaria do MEC nº 1030, em 1º de dezembro de 2020 (BRASIL, 2020), seguida posteriormente da portaria MEC nº 320, de 04 de maio de 2022 (BRASIL, 2022), autorizaram a utilização, em caráter excepcional, de recursos digitais, tecnologias de informação e comunicação ou outros meios convencionais para a prática e ensino nas universidades, desde que seguindo as Diretrizes Nacionais Curriculares aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE).

Vale ressaltar que, além das orientações de conselhos e ministérios, a Universidade usufrui de certa autonomia e responsabilidade para propor e ofertar o ensino e prática da profissão. Consta no próprio Projeto Pedagógico do Curso:

(...) Articulação e integração da produção teórica com os dados empíricos da realidade atendendo, desta forma, em conjunto com as atividades desenvolvidas no Estágio Básico, a possibilidade de inserção do estudante em um vasto campo de atuação do psicólogo, desde aquele que reflita a política de saúde do Estado, a vivência do espaço institucional, (...) a participação em órgãos de Estudos acerca do histórico da população amazônica, suas etnias, do homem no ecossistema amazônico, até a prática mais tradicionalmente identificada. (...) Ampliar as possibilidades de intervenção e investigação, potencializando as competências na utilização dos conhecimentos teóricos e instrumentos técnicos que fazem parte da formação do psicólogo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, 2001, p. 48, 61).

Dessa forma, considerando que a prática de atendimentos remotos integra o fazer psicológico, considerando também que essa modalidade tem sido cada vez mais procurada por sua praticidade e acessibilidade, entende-se que é também dever da Universidade preparar os profissionais em formação para essa nova modalidade de atendimento.

Essa experiência com atendimentos remotos ocorreu com algumas condições. A sessão, por mais que realizada de forma *online* com a pessoa atendida, ocorre dentro das dependências da FaPsi, mais especificamente nas salas de atendimento do CSPA, que dispunham dos aparelhos necessários para a realização da sessão (computador, fones de ouvido e câmera de vídeo). Além disso, os encontros de supervisão, em sua maioria, também ocorrem presencialmente, ou seja, por mais que os atendimentos tenham sido realizados na modalidade *online*, podemos dizer que a atividade de estágio supervisionado se deu de forma presencial.

Como conclusão dessa discussão, que certamente não acaba por aqui, gostaria de, mais uma vez, dar ênfase ao fato de que, mesmo diante das particularidades relacionadas ao atendimento psicológico *online*, é uma prática viável e acessível tanto para o psicólogo(a) quanto para a pessoa que busca esse serviço. Que possamos então, renunciar à rigidez do *setting*, das regras universais e demasiada formalidade, em prol de uma atuação mais democrática, acessível e criativa, a partir do uso das tecnologias de forma ética.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Voltar-se ao estudo da Psicanálise e, principalmente, à sua prática, é uma tarefa desafiadora, porém transformadora. A experiência clínica, aliada aos estudos teóricos e à supervisão dos casos, tem sido um tripé essencial para a formação psicanalítica responsável e crítica. A partir deste trabalho, espero ter conseguido compartilhar pelo menos uma parte da imensidão subjetiva com que fui tomada ao tratar deste caso tão significativo em minha trajetória.

Ademais, poder testemunhar novas possibilidades de fazer a clínica através dos atendimentos remotos dentro da FaPsi, é também de muita importância para mim, como forma de ampliar os horizontes de nossa atuação enquanto profissionais de uma saúde mental possível a todos, independentemente da distância.

REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BADIOU, Alan; TRUONG, Nicolas. **Elogio ao amor**. Tradução Dorothee de Bruchard. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 1030, de 1 de dezembro de 2020**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2020. Disponível em: <https://abmes.org.br/legislacoes/detalhe/3378/portaria-mec-n-1.030-2020>. Acesso em: 20 mar. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 320, de 4 de maio de 2022**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2022. Disponível em: <https://abmes.org.br/legislacoes/detalhe/3916/portaria-mec-n-320>. Acesso em: 22 mar. 2023.

CALDAS, Heloísa. **Algumas reflexões sobre a psicanálise no trabalho online**. Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Rio de Janeiro, 28 abr. 2020. [1 p.]. Disponível em: <https://ebp.org.br/rj/2020/04/28/algumas-reflexoes-sobre-a-psicanalise-no-trabalho-online/>. Acesso em: 22 fev. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução nº11, de 11 de maio de 2018**. Brasília, DF: CFP, 2018. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/05/RESOLU%C3%87%C3%83O-N%C2%BA-11-DE-11-DE-MAIO-DE-2018.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2023.

DOLTO, Françoise. **A causa das crianças**. São Paulo: Ideias & Letras, 2005.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud: uma hipótese de leitura**. São Paulo: Instituto Langage, 2019.

DUNKER, Christian; THEBAS, Cláudio. **O palhaço e o psicanalista: como escutar os outros pode transformar vidas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

FÉDIDA, Pierre. A construção do caso. Tradução de M. Gambini; C. Berliner. *In*: FÉDIDA, Pierre. **Nome, figura e memória: a linguagem na situação psicanalítica**. São Paulo: Escuta, 1991.

FREUD, Sigmund. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (1933 [1932]). *In*: FREUD, Sigmund. Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos (1932-1936). Rio de Janeiro: Imago, 2010. p. 3-123. (**Edição Obras Completa de Sigmund Freud, v. 22**).

HOMEM, Maria. **Lupa da alma: quarentena-revelação**. São Paulo: Todavia, 1ª ed., 2020.

KUSS, Ana. Suy Sesarino. Amor, desejo e psicanálise. Curitiba: Juruá, 2015.

LACAN, Jacques. O seminário sobre “A carta roubada”. *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998b. p. 13-68.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 2**: O eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica (1954-55). 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 5**: As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. Variantes do tratamento padrão. *In*: **Escritos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998a. p. 325-364.

NASIO, Juan-David. Que é um caso? *In*: NASIO, J.-D. **Os grandes casos de psicose**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 9-32

OLIVEIRA, Sérgio Sócrates Baçal de. **Na contramão do óbvio**: psicanálise e medicalização de crianças na escola. Manaus: EDUA, 2022.

PIMENTEL, Adelma. **Prática clínica em meios virtuais**: a psicoterapia em interface com as tecnologias da informação e comunicação (TICs). Curitiba: Juruá Editora, 2018.

SERRURIER, Catherine. **Elogio às mães más**. São Paulo: Summus, 1993.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. **Projeto pedagógico**: Curso Psicologia. Dispõe sobre a formação do Psicólogo/Bacharel em Psicologia/Licenciatura em Psicologia. 2001. 68 p.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

O(A) Sr(a) está sendo convidado a participar do projeto de monografia "A experiência em clínica psicanalítica e suas implicações: Um estudo de caso", desenvolvido por MARIA ANTÔNIA DE SOUZA MONTEIRO, aluna de graduação do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas – UFAM com matrícula nº 21850863, sob orientação do Prof. Dr. Sérgio Sócrates Baçal de Oliveira, CRP 20/01875. O objetivo do projeto é a construção de um estudo de caso na clínica psicanalítica a partir dos conteúdos trabalhados no decorrer do processo terapêutico entre junho de 2022 até fevereiro de 2023. O(A) Sr(a) está sendo convidado porque está sendo atendido(a) no CSPA por Maria Antônia de Souza Monteiro.

O(A) Sr(a). tem de plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma para o tratamento que recebe no Centro de Serviços de Psicologia Aplicada – CSPA da Faculdade de Psicologia da UFAM. A pesquisa será realizada entre março e junho de 2023.

Caso aceite participar, sua participação consiste em permitir que parte de sua história clínica seja utilizada no desenvolvimento da monografia. Serão utilizados como dados unicamente os registros de sessão e anotações acerca do caso e sua evolução. Não será realizado nenhum questionário/formulário ou entrevista, nenhum recurso de gravação de voz e/ou imagem, nem qualquer outra ferramenta para coleta de dados. O texto produzido não incluirá seu nome, cidade, nome de familiares ou fatos que possam por em risco sua privacidade. Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para o(a) Sr.(a) são de haver uma quebra de sua privacidade. Neste sentido, a monografia utilizará um nome fictício e sua cidade de residência não será citada.

Se julgar necessário, o(a) Sr(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

Asseguramos ao(à) Sr(a) o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/indiretos e imediatos/tardios decorrentes da participação no estudo ao participante, pelo tempo que for necessário.

Garantimos ao(à) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica.

O(A) Sr(a). pode entrar em contato com o pesquisador responsável, Prof. Dr. Sérgio Sócrates Baçal de Oliveira a qualquer tempo para informação adicional no endereço Universidade Federal do Amazonas, Campus Coroado, Faculdade de Psicologia, no e-mail ssocrates@ufam.edu.br e no celular (19) 98444-0011.

O(A) Sr(a). também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Amazonas (CEP/UFAM) e com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), quando pertinente. O CEP/UFAM fica na Escola de Enfermagem de Manaus (EEM/UFAM) - Sala 07, Rua Teresina, 495 – Adrianópolis – Manaus – AM, Fone: (92) 3305-1181 Ramal 2004, E-mail: cep@ufam.edu.br. O CEP/UFAM é um colegiado multi e transdisciplinar, independente, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Este documento (TCLE) está sendo disponibilizado via Google Forms. Para aceitá-lo, você deve marcar o campo "Li e concordo em participar da pesquisa" mais abaixo, preencher seu nome e e-mail. O envio do formulário Google Forms para os servidores do

Google comprova sua aceitação com os termos aqui descritos, no dia e hora em que o formulário foi enviado.

psi.mariasmonteiro@gmail.com Alternar conta



Não compartilhado

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Li e concordo em participar da pesquisa

Nome completo

Sua resposta

E-mail

Sua resposta

Enviar

Limpar formulário